



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IV

—

MAIO

1961

—

Nº5

Fábrica de Tecidos
Carlos Renaux S. A.
BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

“ R E N A U X ”

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE
CÓRES FIRMES E
ACABAMENTO PERFEITO

FILIAIS EM PÔRTO ALEGRE E BLUMENAU
REPRESENTANTES EM
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR
BELO HORIZONTE — FORTALEZA
MACEIÓ

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo IV |

MAIO DE 1961 |

N.º 5

SÃO PEDRO APÓSTOLO DE GASPAR

Sebastião CRUZ

Cem anos fazem que foi “creada no lugar denominado GASPAR, no Rio Itajaí, uma freguesia com a denominação SÃO PEDRO APÓSTOLO” conforme estabeleceu, no artigo 1.º, a Lei Provincial n.º 509, de 25 de Abril de 1861, com os seguintes limites previstos na mesma lei: “ao norte os da Freguesia da Penha; ao sul os da de Cambriú; ao oeste o Ribeirão da Praia Grande e a propriedade de Luiz Scheffen; e a leste, os Ribeirões (sic) de Luiz Alves”. Mandava, ainda, a mesma lei que servisse de Matriz “enquanto não houver Templo mais apropriado, a Capela ali edificada pelos povos”, e que o Presidente da Província procuraria obter do Prelado Diocesano a confirmação das disposições eclesiásticas e mandando que fôsse criado, desde logo, um Distrito de Paz na nova Freguesia. Dita lei estava assinada pelo Vice-Presidente da Província, João José de Andrade Pinto que assumiu o exercício, substituindo o Presidente Francisco Carlos de Araujo Brusque que, naquêlê mesmo mês de Abril, se afastara do cargo, sucedido na Presidência por Ignácio da Cunha Galvão, ao tomar posse em 1.º de Julho do referido ano.

Na mesma data foi criado o Distrito Policial e cumprindo as determinações da citada lei, o Governô, por ato de 10 de Agôsto do mesmo ano, criou o Distrito de Paz.

* * *

Eram os frutos do desbravamento da primitiva colonização por nacionais, ponteadas pelos milicianos da Companhia de Pedestres que iam abrindo as linhas coloniais, não só cultivando as terras como construindo estradas, como determinava o Presidente da Província Antero J. Ferreira de Brito em seu officio de 18 de Abril de 1846, ao Presidente da Câmara Municipal de Porto Bello, a cuja jurisdição pertencia o Vale do Itajaí: “Do mesmo modo que encarreguei ao Comandante da Companhia de Pedestres Henrique Etur o estabelecimento do Arraial do Belchior, por officio de 27 de Novembro de 1845, tenho nesta data ordenado ao mesmo Comandante a encarregar-se também do Arraial do Po-cinho mas com a diferença de que o prazo em um e outro arraial para edificar nos terrenos que aí se concedam seja de dois anos e de quatro para poderem ser alienados tais terrenos, o que comunico à V. Mces. para sua intelligência”. E ainda, dirigido à citada Câmara, com a mesma data, o seguinte officio: “Reconhecendo eu o grande interêsse que de público resulta na abertura de uma via de comunicação pela margem do Rio Itajaí até ganhar a estrada geral, tenho nesta data encarregado ao Cidadão José Henrique Flores, morador naquêlê distrito, esta útil obra para a qual lhe mando entregar ferramentas e algum dinheiro, bem como lhe insinuo que convide os moradores das margens do mesmo Rio a ajudá-lo com os seus serviços, devendo ademais contar com o auxilio que nesta empresa lhe deve prestar, na forma de minha ordem, e

Comandante da Companhia de Pedestres Henrique Etur. Fazendo a V. Mces. ciente desta minha resolução, devo esperar que por sua parte coadjuvam quanto possam a factura de semelhante via de comunicação, donde resultarão tôdas as vantagens a êsse Município." (O Major Henrique Etur que quando Tenente era representante da Câmara de Porto Bello, nomeado que foi em 21 de Janeiro de 1834, junto ao Conselho Geral da Província em Desterro, onde residia, veio a ser, em Outubro de 1853, já como Tenente Coronel, substituto do Coronel Agostinho Alves Ramos, por falecimento dêste, como Juiz de Paz de Itajaí, e nomeado em 15 de Outubro de 1856, para Administrador da Mesa de Rendas de Itajaí. José Henrique Flores era, desde 1842, Sub-Delegado de Policia de Itajaí, passando a ser Juiz de Paz, em 1857).

* * *

Os Arraiais de Belchior e Pocinho, no Itajaí-Açu, haviam sido criados pela Lei Provincial n.º 11, de 5 de maio de 1835 — juntamente com os de Taboleiro e Ribeirão Conceição, no Itajaí Mirim —, regulando dita lei a colonização, aberta a nacionais ou estrangeiros que deviam indenisar as despesas feita pela Fazenda Pública com as demarcações dos lotes, no prazo de dez anos. Quem não cultivasse a terra dentro de seis meses, era a mesma declarada vaga. O mesmo ocorria, mesmo após o cultivo da terra, quem a abandonasse por três anos, bem como não as podia alienar dentro de 10 anos. Colono solteiro recebia duzentas braças de frente, casado, trezentas e com mais de três filhos, quatrocentas braças de frentes, todos com quinhentas braças de fundos. Quinhentas braças em quadro, eram destinadas às sedes dos Arraiais, onde, a cada colono seria distribuido uma porção necessária à edificação de suas casas, ficando o restante para logradouros públicos. Isenção de qualquer onus, aos colonos, por dez anos. Quem já fôsse encontrado estabelecido nos locais, tinha seus direitos assegurados.

* * *

Já no ano seguinte, ou seja em 25 de Abril de 1836, a Lei Provincial n.º 28, institua as Companhias de Pedestres a serem estabelecidas em diferentes pontos da Província, entre os quais, o Vale do Itajaí, inicialmente com quinze milicianos, um cabo e um sargento. Aos Pedestres cabia, além da guarda de presidios, "explorar e correr matos", "fazer picadas de comunicações, acampamentos, obras e proteger, auxiliar e defender os moradores de qualquer assalto dos gentios, malfeitores e fugitivos, perseguindo-os até seus alojamentos, quilombos ou arranchamentos, fazendo todo possível para apreendê-los e no caso extremo de resistência, destruí-los."

Era o surto de colonização que o Poder público amparava, estimulava e desejava encontrasse, em nosso Estado, ambiente favorável para as iniciativas particulares como veio revelado na Lei Provincial n.º 49, de 15 de Junho de 1836, oferecendo vantagens não só aos colonos, como aos investidores.

* * *

É no Registro de Correspondência da Câmara de Porto Bello — fls. 21v. L. 4 — que encontramos, datado de 17 de Fevereiro de 1848, um officio dirigido ao Juiz de Paz de Itajaí, Cel. Agostinho Alves Ramos, solicitando informações com relação "ao requerimento dos alemães Dr. Hermann Blumenau e Fernando Hackradt pedindo concessão de terras, para serem colonizadas, na região de Belchior e Garcia (incluindo onde atualmente é Gaspar). Solicitação idéntica foi feita ao Delegado de Itajaí, Capitão José Henrique Flores, para dizer: "1.º — que terras possui Julio João Martins que diz morar no Arraial Belchior; 2.º — que meios tem para cultura e se é lavrador ou com que se ocupa; 3.º — que filhos tem e que famílias sustenta; 4.º — finalmente se no Ribeirão do Garcia no fim das datas concedidas aos soldados casados da Companhia de Pedestres, há terras devolutas a rumo d'Oeste e que porção de terras serão precisas ainda conceder ao dito Julio para cultura. Iguais informações se pede ao mesmo respeito sobre os seguintes: José de Oliveira; Luciano José de Campos; Chrispim Antonio de Souza, todos moradores no Belchior. Juntamente pede a Câmara se digne esclarecer se será o lado do Major Etur que estão as terras de que se trata." Essas informações pedidas resultavam de determinação do Presidente da Província que deseja estar bem informado a fim de despachar com justiça o pedido do Dr. Blumenau e Hackradt. E a Câmara de Porto Bello, informou

em dois officios de 4 de abril de 1848, sendo um para o Secretário do Governo e outro ao Marechal Presidente Antero J. Ferreira de Brito. Dizia no primeiro: "Tendo sido informado pela Câmara Municipal desta vila os papéis do Dr. Hermann Blumenau e Fernando Hackrat e chegando hoje um officio do Comandante de Pedestres de Itajaí (Major Etur) em que se opõe à concessão das terras daquêles, ordenei ao Secretário da Câmara tirar a cópia daquêlo officio o que incluso remeto a V. S. para se digne fazê-lo chegar ao conhecimento de S. Excia. (o Presidente) afim de que decidir e com conhecimento de causa; se possível dizer o meu parecer sôbre esta matéria diria que os soldados da Companhia de Terrestres fossem estabelecidos em outro lugar, porquanto êstes pouco interêsse podem dar à Província, quando aquelles, os Alemães, podem dar muito interêsse, tanto a êste Municipio como à Província, mas S. Excia. com sua alta sabedoria melhor decidirá. (ass) o Presidente Bernardo Dias da Costa. O Secretário - Antonio José Pereira." E no segundo officio: "A Camara Municipal de Villa de Porto Bello, em cumprimento ao respeitável officio de V. Exia., datado de 8 de Fevereiro findo (1948) officiou ao Coronel Agostinho Alves Ramos e lhe remeteu a cópia do officio de V. Exia. e requerimento dos Alemães Dr. Hermano Blumenau e Fernando Hackradt, afim de êle cumprir o que V. Exia. ordenava em dito officio o que êle satisfez com o mapa junto e sua resposta da cópia junto do officio que êle dirige a esta Camara em data de 29 de Fevereiro findo. Esta Câmara julga que se deve atender quanto possível ao requerimento dos subditos Alemães afim de que se possa gozar das vantagens que hum tal estabelecimento promete e que não he possível realizar-se, a vista de eles ja terem comprado terras no lugar de Itajahy e terem ali importantes servissos; Nota esta Camara que o Mappa que apresenta o Coronel Agostinho Alvez Ramos, vem mencionando 200 braças de terras de frente com 1.000 de fundos que em 21 de Fevereiro de 1844 requereu Joaquim José Pereira da Silva Guimaraes, cujas terras athe a data deste ainda não se acham medidas e o dito Guimaraes á mezes se retirou desta Província. He quanto esta Câmara pode informar a V. Exia. que mandará o que for servido. (ass) Bernardo Dias da Costa, Presidente."

* * *

Já, o mesmo espirito de boa vontade, não reinava na Câmara de Porto Bello, em 1853 (Presidência de José Antonio da Silva, Secretariado por José Mendes da Costa Rodriguez) com relação à colonização do Vale do Itajaí, cujo desenvolvimento estava forçando uma emancipação que não interessava a Porto Bello. A evasiva ressaltava no officio de 14 de Fevereiro de 1853, ao Presidente da Província: "Tendo presente nesta Camara Municipal, o officio de V. Exia. de 12 do mez proximo findo, que cubria a copia da Portaria da mesma data, encarregando o Dr. Blumenau dos melhoramentos da estrada que da barra do Rio Itajahy, segue a Colonia do mesmo Dr.; mas não havendo nesse lugar estrada ou caminho algum, pela margem do sul do dito rio, não é possível a esta Camara prestar auxilio algum ao dito encarregado; e para que V. Exia. se digne ficar sciente da pura verdade, esta Camara assim o leva ao conhecimento de V. Exia, afim de mandar o que for servido."

* * *

Definidas não haviam ficado, as linhas divisórias entre a Freguesia de Gaspar de São Pedro Apostolo com a Colônia Blumenau, até que a Lei Provincial n.º 679, de 23 de Maio de 1872 demarcou: "O limite Leste do distrito da Colonia Blumenau com a Freguesia de São Pedro Apostolo será marcado pelas divisas seguintes: — 1.º - Linha divisória entre terrenos pertencentes à colônia e João Pedro Dias de Moura; 2.º - Linha divisoria entre terrenos da colonia e de Bento Malaquias da Silva; 3.º - Linha divisoria entre Luiz Wagner e Kumcke e Brandes; 4.º - Divisa entre Herbst e terrenos da Colonia com Nicolau Dechamps, Pedro Wagner, Hoeschel e outros."

* * *

O Coronel Agostinho Alves Ramos, trajando sempre calça e colete branco e uma sobrecasaca militar ou casaca preta, abastado e influente chefe político de Itajaí, era Juiz de Paz de Itajaí quando faleceu em Outubro de 1853 — Of. de 12-10-1853 da Camara Municipal de Porto Bello (L. 6, fls. 21) ao Tenente Cel. Henrique Etur que substituiu no dito juizado, ao Cel. Agostinho. Em "Colonização do Estado de Santa Catarina, por Jacinto Antonio Mattos — Ed. do Gab.

Typ. D'O DIA, Fpolis., em 1917, à fls. 26 — verificamos que “Agostinho Alves Ramos, Deputado à Assembléia Provincial, era o diretor da colonia que povoou os arraiais de Belchior e Pocinhos, sôbre o Rio Itajahy, e em carta datada de 15 de Março de 1836, dirigida ao Presidente da Provincia, ao mesmo propoz” a transplantação d'aquelas familias já aclimatadas ” (referia-se aos descendentes de açorianos que viviam no litoral, na maior indigência) para o interior da Provincia, porquanto “existe concentrada na Ilha huma superabundancia de população, q'se assevera dar com pouca diferença mil habitantes por legua quadrada, cuja penúria obriga a uma emigração constante para o continente do sul, nem querendo povoar os certões da Terra firme, pelo temor do Bugre. Opinava para que se não intentasse o estabelecimento de colonias na costa e apontava como “... como n'esta Provincia aconteceu com os Canarios q'se não colonisaram ou com os Ericeiros aposentados à margem do mar, por supor-se q'se dariam à pesca.”

Era a Colonia Itajahy — obra citada, fls. 99, estabelecida em 1836 no Rio Itajahi Assú, em virtude da Lei Provincial de 11 de Maio de 1835, região do municipio de Porto Bello”. Nacionais e estrangeiros (estes vindos de outras colonias da Provincia) ali se estabeleceram, abandonando, logo após as suas lavou-ras e bemfeitorias, fugindo com receio dos gentios. Em 1837 só haviam na colônia 2 nacionais e 6 estrangeiros.

Conta o Almirante Lucas Alexandre Boiteux, em “Notas para a História Catharinense” — Ed. Typ. Liv. Moderna, Fpolis, fls. 355, — “Estando abandonado o arraial do Belchior no Itajahy mandou o Governô para lá, em 1843, (aqui há uma divergência de data, com relação ao officio da Câmara de Pôrto Bello, já referido, datado de 18-4-1846, em que diz ser 1845) um destacamento de Pedestres com o fim de proteger os seus poucos habitantes da fúria dos selvícolas. Para Diretor foi nomeado o Major Henrique Etur que, com incansável dedicação deu grande movimento ao povoado.”

Jacinto Antonio Mattos, no seu livro citado, informa que Belchior e Poci-nho contavam com 47 famílias brasileiras e 17 estrangeiras, compostas de 141 pessoas. E prossegue na sequência: em 1851, havia 62 fogos, com 365 pessoas, incluindo neste número alguns colonos que o engenheiro Fontaine e Lebon Wan Lede ali haviam instalado (Colônia Belga) em 1845. Nesse tempo - possuía a colônia 21 engenhos de farinha mandioca e 10 de cana, 193 vacas e 108 bois. O total das terras concedidas, nas duas margens do Rio Itajai era de 11.641 hectares. Informa ainda Jacinto Mattos que “foram sucessivamente diretores da colônia, com residência ali, em Itajai, o Coronel Agostinho Alves Ramos, João Dias da Silva Mafra, o Major Henrique Etur e o filho deste Augusto Frederico Benjamin Etur e que servia em 1852. O Dr. Blumenau era membro, dessa colônia, figurando o seu nome na lista da produção e que por êsse tempo já era relativamente abundante.” (Op. cit. pgs. 62 e 99).

Eram as terras, as do Dr. Blumenau, na Colônia Itajai (Belchior e Poci-nho, compreendendo o atual Gaspar) de que fizemos referência neste trabalho e que deu margem à troca da correspondência da Câmara de Pôrto Bello transcrita.

As ligações de amizade e negócios do Dr. Blumenau com o Coronel Agos-tinho Alves Ramos, são referidas por José Mendes da Costa Rodrigues (o Se-cretário da Câmara de Pôrto Bello, como vimos nos officios transcritos) em seu livro (manuscrito) “HOMENS E FATOS”, reproduzido em Capítulos num jornal de Tijuca: “Certo é que o Dr. Hermann Otto Blumenau comprou as casas grandes e a fazenda do Rio Conceição, do Coronel Agostinho Alves Ramos, dando metade da importância e a outra metade da importância a prazo de se-mestres, sendo algumas oito letras.” (O Tijuquense — Ano IV, n.º 5 — 18-8-1909). O Cel. Agostinho, já dissemos, faleceu em outubro de 1853, e vale aqui mais um informe de José Mendes da Costa Rodrigues, em seu livro citado: “A-nos depois, um velho de nome VANZUIT (Vanzuita?) que era empregado do Coronel, comprou uma Fazenda no Rio Gaspar de baixo, onde passou o resto da vida.” (O Tijuquense — Ano IV — n.º 6 — 28-8-1909).

Com relação à Companhia de Pedestres que atuava em Belchior e Pocinho, Osvaldo R. Cabral — Santa Catarina, Ed. Brasilia, 5ª série, Vol. 80 — 1937 — cita J. Ferreira da Silva em “O Dr. Blumenau”: “Não era esta força modelar no cumprimento das suas atribuições, exercendo-as, bem ao contrário, de mui-

to má vontade, nem a sua eficácia capaz de tranquilizar os colonos. Dizia o Dr. Blumenau, a ela se referindo, que de cada cinco tiros que dava, falhavam quatro, tal o estado de velhice do armamento, além da ferrugem que o consumia." Op. cit. fls. 131.

* * *

Afim de evitar mal entendidos e confusões, deve-se ter em mente que duas eram as Colônias denominadas de "Itajahy", distintas no tempo e no espaço. A de que estamos focalizando, como vimos foi criada em 1835, localizada às margens do Rio Itajaí Açú, tendo por centro os Arraiais de Belchior e Poclinho, estendendo-se por todo o território do atual Município de Gaspar. A outra, fundada em 1860, localizava-se no Itajaí-Mirim, atual Município de Brusque. E foi da Colônia que nos limitamos a fazer referências. Procuramos anotar e apontar, aqui e ali, a base, a origem, do atual Gaspar.

Uma das particularidades da Colônia originária do Município de Gaspar, era que seus colonos na quase sua totalidade praticavam a religião Católica, o que não ocorria com as de Blumenau e Brusque. Tanto é que o Vigário de Gaspar, Padre Alberto Francisco Gattoni, pastoreava os católicos das duas colônias vizinhas. Isto em 1861. É o que informa Osvaldo R. Cabral, em seu livro "BRUSQUE" — Ed. Soc. Amigos de Brusque — 1958 — pg. 64 —, baseado em Pe. Eloy Dorvalino Koch, S. C. J. em Catolicismo — Centenário de Brusque — pg. 6 —. E nessas obras citadas, o Pe. Gattoni figura como o primeiro Vigário de Gaspar, enquanto que o jornal "O Luzeiro Mariano" de Blumenau — Ano IX, n.º 166, de Abril de 1961, justamente em edição comemorando o centenário de Gaspar, colhendo dados no livro Tombo da Igreja Matriz de Gaspar, dá como seu primeiro Vigário, em 1867, o Padre Antonio Zielinski. Certamente, o Padre Gattoni, era tido como Vigário de Gaspar, de fato, pois ali residia na ocasião. Vigário não oficializado, de não constar do livro Tombo. Mais tarde, o Padre Gattoni passou para Brusque, onde veio a ser, também, o primeiro Vigário. É matéria para os estudiosos esclarecerem. Que a Paróquia de Gaspar foi criada, juntamente com a Freguesia de São Pedro Apostolo de Gaspar, em 25 de Abril de 1861, não resta dúvida. Ai está a Lei Provincial n.º 509, acima referida e transcrita parcialmente.

O fato é que a religião católica medrou em Gaspar com profundo espírito religioso que vem revelando, através dos tempos, desde o colonial até o moderno, coroado com esplendores de vocações sacerdotais em grande número, a ponto de ter a suprema graça divina de poder contar, dentre seus filhos, com três Príncipes da Santa Igreja Católica, sagrados Bispos — D. Daniel Hostim, Bispo de Lajes; D. Carlos Schmitt, Bispo de Dourados; e D. Quirino Schmitz, Bispo de Teófilo Otoni — este último sagrado justamente no dia em que sua terra natal comemorou o centenário da sua vida política e religiosa.

—★—

CENTENÁRIOS DE 1961

Transcorre, neste ano, o centenário dos seguintes acontecimentos:
30 DE JULHO — Criação, por decreto desta data, de 1861, da primeira escola pública do sexo feminino, de Brusque e da nomeação da Baronesa Augusta Sofia Von Knorring para professora dessa escola.

O fato merece um registro especial pelas conseqüências dêle resultantes em prol do andamento social e cultural da colônia, que fôra fundada no ano anterior. Estamos reunindo material para dedicarmos, oportunamente, algumas páginas dêstes "Cadernos" à memória da Baronesa Von Knorring, a exemplo do que já fizemos com Apolônia Von Buettner, a primeira professora pública de Blumenau, também descendente da nobreza alemã. Nesse sentido, dirigimos um apêlo aos nossos amigos de Brusque, especialmente ao sr. Ayres Gevaerd, pes-

(Continua na página 88)

GLORIOSA TRADIÇÃO

FREI ERNESTO EMMENDOERFER O. F. M.

Em Blumenau, há quase cem anos passados. Mais exatamente, em dia de maio de 1863.

O sol descambou. A escuridão não tarda em galgar as copas das árvores frondosas e de lá se espraia no espaço, até encobrir com seu negro manto tôdo o vale na confluência dos rios Garcia e Velha com o Itajaí-Açu.

O silêncio da noite é profundo, interrompido apenas por gritos espaçados de algum mocho empenhado em caça.

Mas reparai: no grande rio tremeluz um clarão. Algum fogo fátuo? A luz bruxoleante destaca uns vultos dentro duma canoa. Outros claros apontam, ali e acolá. Vêm surdindo da estrada da Velha, do caminho do Garcia, da viela do "Jammertal", da picada do "Affenwinkel": homens que empunham fachos ou velas. Todos caminham na direção da Casa dos Atiradores, no local onde hoje fica o Tabajara Tênis-Club.

Que reunião é essa? Ali estão homens que, até ao pôr-do-sol, empunham machados, enxadas, serras e outras ferramentas; quase todos modestamente vestidos; em mangas de camisa alguns, outros com agasalhos improvisados, pois a noite é fria; vários descalços; de tamancos ou chinelos muitos. E que querem êsses homens? Querem é cantar!

Quando chegaram às plagas blumenauenses com pouca bagagem nos baús, traziam na memória vasto repertório de "Lieder", que cantavam em família, na igreja, nas festas de aniversário e casamento, na roça, na oficina, no botequim.

Animava-os o desejo de aprender a cantar melhor, melodias novas, a mais vozes. Funda-se naquela noite a primeira Sociedade de Canto de Blumenau. Seus membros comparecem tôda semana para os ensaios, pagam uma contribuição e multa por tôda ausência não justificada.

Brava gente, cujo idealismo não se afogou nas preocupações materiais da luta pela existência.

Desapareceram os pioneiros; mas êles transmitiram à sua descendência o amor à música, que se tornaria o apanágio da terra blumenauense.

Proliferaram as Sociedades de Canto, que, em 1921 se congregaram na Federação dos Cantores do Vale do Itajaí, que organizava concorridos e brilhantes torneios de canto orfeônico, em disputa de taças e troféus, até que teve suas atividades interrompidas por fatores externos.

Ao lado das Sociedades de Canto e como seus brotos surgiam bandas de música, orquestras e corpos cênicos.

Desta forma o amor à música tornou-se elemento aglutinador da vida social de Blumenau, e ainda hoje assistimos ao belo espetáculo em que vemos o empregado a par com o patrão, o operário ao lado do industrial, gente nova juntamente com homens de cabelos brancos, professoras e donas-de-casa, todos animados pelo mesmo ideal, darem expressão melodiosa a seu acendrado amor à música, verdadeira popularização da arte e cristalização da sociedade em tórno da música.

Quando, em 1936, pela apresentação da “Preciosa”, ópera clássica de Karl Maria von Weber, já sob a regência de Heinz Geyer e com Isolde Hering no papel de prima-dona, ficou patente o nível artístico que a Blumenau seria possível atingir pela conjugação dos elementos das sociedades de música tanto instrumental, como vocal e da teatral, não tardou que a grande banda da “Lyra” se associasse à Sociedade de Cantores, fundada em 1863, que florescia sob o nome de “Germânia” para fundar o grande conjunto “Liederkranz”. Este, por sua vez, se agregou à Sociedade Dramática “Frohsinn” e acabou em fundir-se com o Club Musical para formar a “Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes”, que tem sido a expressão máxima da vida artística de Blumenau.

Esta Sociedade, sobretudo pelos seus conjuntos sinfônicos e orfeônicos, sob a batuta do preclaro maestro Heinz Geyer, tem enchido páginas com letras de outro na crônica da nossa comunidade, ora brindando a população com seus apreciadíssimos saraus musicais; ora abrilhantando datas nacionais e festas, como o fêz, com retumbante sucesso, no Centenário de Blumenau; ora recepcionando visitantes ilustres de Blumenau — lembro a estadia do cardeal de Munique; ora colhendo louros no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Rio Grande do Sul e nas cidades de nosso Estado, conquistando para Blumenau o título de “Capital artística de Santa Catarina”. Esses louros foram colhidos à custa de ingentes esforços; as assinaladas vitórias foram conquistadas só pela tenacidade dêsse punhado de homens da tẽpera dos pioneiros de 1863, que, sem remuneração, mas com inúmeros sacrifícios mantiveram viva e acesa a chama do idealismo pela arte com que têm enlevado os corações.

Por tanto mérito, blumenauenses, nossos vibrantes aplausos!

Temos orgulho da nossa Orquestra e do nosso Orfeão.

Disse NOSSO e NOSSA! Esta palavra, porém, não deve exprimir apenas o direito de sermos brindados com encantos musicais na qualidade de sócios do “Carlos Gomes”; não deve manifestar apenas a simpatia com que olhamos êsses homens que engrandeceram o renome de Blumenau, mas esta palavra implica algo mais. Vou explicar.

O regente e os componentes da secção musical do “Carlos Gomes” são cõscios de que são os continuadores de uma tradição gloriosa de Blumenau; estão compenetrados de que têm um nome a zelar; que as glórias do passado são compromissos para o futuro; sentem que, diante da evolução cultural do ambiente, a produção não pode ficar estacionária; seria cair na mediocridade. Nossos músicos e cantores jamais se conformariam. Dariam um último concêrto que terminaria com o “canto do cisne” e uma marcha fúnebre, e depois nossos músicos e cantores procurariam uma sombria margem do rio e lá, como outrora os israelitas no cativeiro da Babilônia, suspenderiam seus alaúdes nos salgueiros chorões e cantariam sua tristeza para as águas do Itajaí, que as levariam ao mar, para o mar... Há perigo que tal aconteça?

Olhai a turma dos veteranos do Carlos Gomes: Frederico Runze, Ervino Lemke, Herta Deeke, Alfredo Lohr, Ingo Hering, Franz Becker, Fritz Wohlgemuth, Rodolfo Wuensch, Rudi Kleine, as senhoras Irene Fuchs, Hedy Geyer, Sibilla Gropp, Wally Gropp, Annemarie Asseburg,

discípulos e discípulas laureadas e jubiladas de Euterpe, que muito têm dado para o "Carlos Gomes" e continuam a dar tudo, porque estão à espera de a quem possam dar seu lugar. E os novos, se aparecem, é em número reduzido, receiosos de não terem competência. Há falta de professores de música que os adestrem; faltam-lhes oportunidades e recursos para o aperfeiçoamento. Seriam também necessários elementos para a Orquestra e o Orfeão que, ao lado dos amadores fôsem o arcabouço estrutural do conjunto, facilitando imensamente a tarefa. A Sociedade ressen-te-se da falta de instrumentos e músicos nêles especializados.

Situação angustiosa com que mais sofrem os próprios músicos e seu incansável regente, ameaça de um fim inglório. Mas é a realidade.

Diante dela a Direção da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes formula o dilema: ou se obtêm os recursos necessários para a sobrevivência da Orquestra e do Côro orfeônico, ou teremos o encerramento de suas atividades.

Concidadãos, estamos diante da alternativa. Devemos decidir-nos.

A resposta só pode ser uma, sob pena de desmoralizar o nome de Blumenau e a nós mesmos: Faremos tudo para que a Orquestra e o Côro Orfeônico da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes possam continuar em sua trajetória gloriosa. Que viva, floresça e cresça!

Foi lançado um apêlo ao Comércio e às Indústrias de Blumenau. Que se mostrem generosos.

Também os particulares não faltem com sua colaboração.

A causa é de Blumenau. É nossa. *Tua res agitur.*



(Conclusão da página 85)

quisador dedicado e competente do passado brusquense, para que nos auxiliem nesse propósito, enviando-nos os elementos de que, porventura, disponham. Antecipamos agradecimentos.

19 DE AGÓSTO — Criação, em 1861, do distrito de paz e sub-delegacia de polícia da freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, ereta por lei de 25 de abril dêsse mesmo ano. Nesta mesma edição dos "Cadernos", o nosso inteligente e prestimoso colaborador, sr. Sebastião Cruz, em artigo bem feito e documentado, tece comentários à raiz dêsse acontecimento de indiscutível significado no progresso de Gaspar.

Nesses mesmos dia, mês e ano, foi criado o distrito de paz de Barra Velha, conseqüente da ereção da localidade em freguesia de São Pedro de Alcântara e de Nossa Senhora da Conceição de Barra Velha. Festeja, assim, o conhecido balneário, hoje integrado no município de Araquari, o centenário de seu desmembramento da freguesia da Penha e decorrente instalação dos serviços próprios da justiça de paz, e delegacia de polícia. Foi primeiro vigário da nova freguesia, o padre João da Veiga, português, que, como pároco da Penha, vinha, anteriormente, prestando à Barra Velha os serviços do seu ministério. É, também, um acontecimento cujo centenário não deve passar despercebido dos barra-velhenses.

22.º – JOSÉ FERREIRA DA SILVA 1938 a 1941



Em virtude do golpe de Estado que restabeleceu o regimen ditatorial, com o fechamento do Congresso Nacional e das Câmaras Municipais, o sr. Alberto Stein, que vinha administrando o município de Blumenau, empossado que fôra em 1936, teve que deixar o govêrno.

Substituiu-o, no cargo de prefeito municipal o sr. José Ferreira da Silva que, juntamente com aquêlê prócer integralista, fôra eleito presidente da Câmara nas memoráveis eleições de 1935.

Em decorrência da suspeição de que somos obrigados a arguir-mo-nos a nós mesmos, pelos laços que nos ligam a Ferreira da Silva, fundador e orientador dêste mensário, limitar-nos-emos a

relatar, sem qualquer comentário, vários dos atos da sua administração e a mencionar alguns dos seus dados biográficos.

Ao assumir a direção do município, um dos seus primeiros atos foi mandar demolir o prédio da antiga cadeia, existente ao lado da Prefeitura e construir, em sua substituição, o edifício do Fôro, infelizmente, há pouco, destruído por um incêndio. O prédio da Prefeitura foi também completamente reformado e adaptado ao estilo arquitetônico da nova construção. Instalou-se o Museu "Fritz Müller" e a Biblioteca Pública. Construiu-se o mercado da rua Sete de Setembro e procedeu-se à abertura da rua Presidente Getúlio Vargas, com a desapropriação dos respectivos terrenos; fundou-se a Escola Agrícola, onde uma centena de meninos desamparados recebiam alimentação, instrução e educação profissional, aos cuidados das Irmãs Franciscanas; construíram-se várias pontes no interior do município, uma das quais, em Massaranduba, ainda conserva o nome do prefeito; fêz-se a reforma da iluminação da rua Quinze de Novembro; construiu-se o edifício da intendência do Rio do Têsto, servindo, hoje, de sede da administração do novo município; edificou-se o prédio da escola de Wunderwald; criou-se o Grupo Escolar "Machado de Assis", modelo de estabelecimento no gênero, e mais 20 escolas municipais em várias linhas coloniais; inaugurou-se a estátua do Dr. Blumenau, mandada moldar, pelo prefeito, por um dos grandes nomes da escultura nacional, o dr. Francisco de Souza; oficializou-se o cemitério municipal de Itoupava-Sêca; procedeu-se aos estudos e começou-se a instalação dos serviços de abastecimento de água potável à população da cidade; procedeu-se ao atêrro do Canal Bom Retiro, pos-

sibilitando, assim, a abertura da atual rua Nereu Ramos, logradouro público que transformou completamente a fisionomia do centro urbano; construiu-se o Campo de Aviação de Itoupava Central e fundou-se o Aéro-Clube de Blumenau; ajardinaram-se praças, como a "Victor Konder" e a fronteira ao Clube Náutico "América", tendo sido, na primeira, construído o corêto central; inauguraram-se a linha telefônica para Massaranduba e os telefones automáticos na cidade, dos primeiros instalados em Santa Catarina; construiu-se a Estação Meteorológica, cujo funcionamento foi iniciado; tiveram comêço os serviços do Gabinete de Identificação dos serviços Médico-legais da Secretaria de Segurança, no município; reformou-se a arborização da alamêda Rio Branco. Vários outros serviços de menor significado foram realizados durante a sua administração.

Ferreira da Silva nasceu em Tijucas, neste Estado. Depois de ser professor primário em Canoinhas, em 1920 foi transferido para a escola pública de Arapongas, no atual município de Indaial. Nesse mesmo ano, foi nomeado escrivão de paz de Rodeio. Em 1924 foi removido para o cartório do Crime, Cível e Comércio da sede da comarca, tendo servido com o juiz de direito dr. Amadeu Felipe da Luz. Fundou, em Rodeio, o semanário "O ESCUDO" e, nesta cidade, de parceria com Octaviano Ramos, a "CIDADE DE BLUMENAU" e, depois, o "CORREIO DE BLUMENAU", o "BOLETIM JUDICIÁRIO", o "BOLETIM OFICIAL", o "CALENDÁRIO BLUMENAUENSE", etc. É autor de vários trabalhos sôbre a história de Blumenau, dentre os quais se destacam as biografias de "DOUTOR BLUMENAU" e do sábio "FRITZ MÜLLER".

Reside atualmente em Curitiba, onde continua se dedicando, com muito empenho, ao estudo e divulgação do passado do município que governou.



ESTANTE DOS "CADERNOS"

Recebemos e muito agradecemos as seguintes publicações:

Marcos Konder — "BIOGRAFIAS FAMILIARES", em que o autor enfeixa dados biográficos de seu pai, Marcos Konder Senior, de sua exma. mãe, D. Adelaide Konder, de D. Maria Corina e dos irmãos Konder. É pena que o ilustre escritor itajaiense nada tenha escrito sôbre a personalidade de seu avô materno, o Cel. José Henriques Flôres, figura de projeção nos meios sociais e políticos de Itajaí, nos primeiros anos de sua fundação e desenvolvimento, e um dos desbravadores dos terrenos marginais do médio Itajaí-Açu, onde foi abastado fazendeiro e latifundiário.

"REPORTER FILATÉLICO", n.º 39, do IV ano — A vitoriosa revista que, sob a competente direção do sr. Frederico Ortweiler, nome consagrado na filatelia nacional, traz interessantíssimo material relacionado com selos postais.

"MITTEILUNGSBLAT" da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, n.º 23, de março de 1961, trazendo amplo relato das ocorrências verificadas no 3.º Encontro realizado, naquêle mês, em Curitiba.

O “CAMINHO VELHO”

C. DEEKE BARRETO

Como os leitores devem estar lembrados, trata dessa antiga via de comunicação entre São Francisco do Sul e a região serrana, até Curitiba, a interessante reportagem “Botânicos no bissecular Caminho Velho”, de autoria do ilustrado padre Raulino Reitz, no número 2, deste tomo dos “Cadernos”.

Fornece, o interessante artigo, os dados históricos sobre a mesma estrada, segundo os quais fôra iniciada em maio de 1785, por João Mor Vieira, com um contingente de cinco homens, sob incumbência da Câmara da Vila de São Francisco, e concluída (conforme informações dos livros de Saint’Hilaire e Léonce Aubé) em 1842.

A reportagem é preciosa para quem goste de assuntos históricos e aprecie descrições de paisagens e da natureza.

Um ponto, porém, despertou dúvidas no meu espírito.

Sou leiga no assunto e não sei, portanto, se durante o governo colonial do Brasil, ou já no império, se tinha construído “caminhos no sistema inca”, como refere o padre Reitz, calçadas de pedras nos aclives e declives e, nas rampas mais fortes, em degraus de pedras, com canalização bem feita.

Na minha condição de leiga acho muito mais plausível a versão que colhi em leituras sobre as famosas escadarias, na edição especial de jornais de Blumenau e Joinville, em homenagem ao “Dia do Colono”, em 1959.

É uma reportagem intitulada “A velha estrada Dona Francisca” e assinada por H. Bachl, em 11 de agosto de 1950.

Para os leitores que, possivelmente, não tomaram conhecimento do assunto, transcrevo o seguinte trecho daquela reportagem:

“...E aconteceu nas margens do rio Itapocu (perto de Joinville de hoje) no ano de 1538, que apareceram um dia naufragos que tinham resolvido empreender uma viagem por terra, a fim de alcançar a nova vila de Assuncion, no Paraguai. Ulrico Schmidl, um bávaro nascido em Staubing, em seu livro editado no século XVI, nos relatou o seguinte sobre o acontecimento: “Da Espanha chegou um capitão-mór de nome Álvaro Nunes Cabeza de Vaca. Ele trouxe consigo 400 homens e 30 cavalos. Nas proximidades de Santa Catarina ele mandou na dianteira 2 caravelas. Elas deveriam tomar provisões no pôrto. (Da ilha de Sta. Catarina, hoje Florianópolis. Obs. de H. B.). As duas barcas naufragaram numa tempestade. Essa gente salvava, apenas, suas vidas, pois tinham perdido toda a bagagem. Com dois navios (que sobravam) eles não podiam (todos) continuar a viagem (até Buenos Aires). Eles, portanto, vieram de Santa Catarina, por terra até Assuncion. Dos 400 homens, durante a jornada, morreram 100 em consequência de fome e doenças. Eles estiveram oito meses em caminho. De Santa Catarina até a cidade de Nuestra Señora de la Assuncion são 500 milhas...”

A dita caravana, que provavelmente foi a primeira a atravessar o sertão brasileiro em Santa Catarina, seguia à margem do rio Itapocu,

chegando à Serra do Mar, perto da Vila de Corupá, onde eles, depois de muitos sacrifícios, alcançaram o planalto.

Sabemos que um século depois, os padres jesuítas que se destinavam às missões do Paraguai, em vez de usar as caravelas até Buenos Aires e subir o Rio Paraná já deixavam os navios na costa de Santa Catarina e se serviam também de um caminho até hoje ainda conhecido por velhos colonos como "Jesuitenweg" (caminho dos jesuítas). Pisaram eles terra firme em Parati e continuavam a viagem a pé. Na serra entre Garuva (Município de São Francisco) e o distrito de Pirabeiraba (pertencente a Joinville) existe ainda um lugar com muitos degraus que sobem em serpentina o encôsto da Serra do Cubatão.

As missões dos jesuítas foram abandonadas, e vieram dois séculos que se consagraram de destruir os vestígios dessas passagens de europeus pelo sertão, nas redondezas do Joinville de hoje".

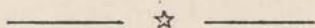
Os leitores e pesquisadores que julguem se não parece bem mais plausível a hipótese de terem sido as escadarias "no sistema inca", obra dos jesuítas e índios das suas missões, já que se utilizaram desse caminho no seu trajeto para as missões do Paraguai, a não ser que os degraus talvez até então já existissem e os Jesuítas, justamente por esse motivo, subissem ao planalto justamente naquêlo ponto.

Só os arqueólogos nos poderiam dar uma certeza nêsse ponto, bem como sôbre outros, tais como as pedras com inscrições misteriosas nas nossas praias etc.

Naturalmente, é possível que os degraus fôsem construídos mesmo sob os govêrnos do Brasil colonial, ou imperial, e, como muitos dos seus gloriosos feitos, não encontraram, ainda, a merecida publicidade e reconhecimento, e que tôdas as minhas considerações não passem do gôsto com que a alma do povo procura, às vêzes, a origem lendária nas mais prosáicas realidades.



O MÉDICO DR. WIEGANDO ENGELKE, que construiu o belo solar, ainda hoje existente em Salto Weissbach, veio para o Brasil em 1857, em companhia de seu amigo e colega de estudos, padre Carlos Boegershausen, por muitos anos vigário de Joinville, a que prestou assinalados serviços como exímio educador que era. Os dois amigos embarcaram a 25 de agôsto daquele ano, em Hamburgo, e chegaram a São Francisco a 12 de novembro. Engelke, depois de muitos anos de permanência em Joinville, mudou-se para Blumenau, onde faleceu. Deixou fama de homem muito caridoso e humanitário.



EM 1862, A IMIGRAÇÃO ALEMA, pelo pôrto de Hamburgo, em destino a Blumenau e Joinville, foi de 946 do sexo masculino e 439 do feminino. Esses emigrantes vieram em cinco navios, em maio, junho, setembro e outubro.

COMO NASCEU UMA PRINCESA

Victor LUCAS

As duas proclamações feitas pelas tropas republicanas, em Blumenau, chefiadas por Pinheiro Machado, além de nos fornecerem dados preciosos sobre o desenvolvimento da luta entre federalistas e republicanos, no Vale do Itajaí, falam também, indiretamente, de Humaitá, ou Rio do Sul, por onde passaram as tropas revolucionárias na sua trajetória para o Norte. É verdade que Pinheiro Machado não a menciona abertamente, esta Humaitá, pois, oficialmente ainda não existia e não podia, assim, fazê-lo; mas refere-se a esta região como sendo o deserto. Certamente, aplicando uma figura retórica, compara-a ao Sahara, onde as tropas estiveram expostas às maiores privações e até à fome. Os poucos moradores, aqui existentes, dentre os quais destacamos os colonos Augusto Zirbel e Jacob Heuser, e mais o sertanista Basílio Corrêa de Negro, não mereceram uma nota especial, nem um agradecimento, embora tivessem sofrido verdadeiros saques nos poucos recursos que possuíam, em forma de "requisição" de cavalos, único meio de transporte existente naquela época, apreensão de gado e dos poucos mantimentos de que dispunham, para poder matar a fome da tropa que vinha descendo a Serra, completamente esfalfada e martirizada pela longa jornada pelos sertões inóspitos. Estas requisições equivaleram a apreensão simples e pura, deixando estes pobres colonos em dolorosa situação. Consta de um relatório verbal de Germano Heuser, velho sobrevivente daquela agitada e conturbada era da nossa jovem República, que duas filhas de Augusto Zirbel, que estavam acamadas, morreram de inanição, em virtude dessa apreensão de mantimentos e dos meios de locomoção, que era o cavalo. Vindo de Indaial, onde foi em busca de socorro, o velho Augusto, pai das duas meninas doentes, teve a infelicidade de encontrar-se com restos das tropas revolucionárias, perto de Lontras, que lhes apreenderam o último cavalo e os mantimentos tão penosamente arranjados. Teve assim que voltar a pé. Chegando em casa, cansado, com as mãos vazias e sem recursos, somente pôde ainda assistir à morte das duas filhas, de tão enfraquecidas que estavam, cobrindo-o de desespero e a família de luto. Era um dos lados trágicos da revolução de 93, para os nossos pacatos e ao mesmo tempo ousados pioneiros que se fixaram, ou justamente acabavam de fixar-se em terras riosulenses. O outro lado, menos trágico, era representado pelos reflexos negativos sobre o seu desenvolvimento, tão bruscamente interrompido, pelos acontecimentos políticos que convulsionaram a vida deste jovem país, em plena fase de formação e adolescência. Esta interrupção, vista do ângulo puramente econômico, estava ligada à construção da estrada para Curitiba, ou a Serra, paralisada, em consequência dos fatos acima exarados. Somente após o término dessa luta fratricida, aí pelo ano de 1897, ouvimos, novamente, falar desta estrada, da qual tudo dependia para o Alto Vale do Itajaí, principalmente Rio do Sul, aquela princesa que aguardava o toque mágico do seu príncipe encantado. Blumenau, saindo do ciclo puramente colonial marchava resolutamente ao encontro do seu glorioso destino. A revolução, que a envolvera, não pôde, por isso, cercear, por muito tempo, os seus passos em busca de sua grandeza econômica. Os anos tumultuosos que se seguiram à proclamação da República, abalaram, assim, só transitóriamente, confiança nos seus ousados projetos construtivos, retardando dess'arte a absorção do seu vasto e praticamente inviolado interior. Como em Blumenau se especulava menos pelo que viria a ser a região do Alto Vale do Itajaí, cujo eixo era formado pela confluência dos dois grandes rios, Sul e Oeste, que pelos resultados que esperavam advirsem do intercâmbio comercial com a zona do campo, não é de regeitar a conclusão que Rio do Sul, como cidade, nasceu mais em consequência dessa dinamização, que de atos que objetivassem a fundação, pura e simples, de um novo núcleo colonial, como aconteceu com Ibirama. Os resultados colhidos com o núcleo de Lontras, vinte anos antes, não encorajavam uma nova tentativa em tal sentido, ainda mais que não se podia, para tal fim, contar com o bafejo oficial. Assim, os homens responsáveis de Blumenau fizeram da estrada da Serra um verdadeiro "cavalo de batalha". Dentre estes ho-

mens, se destaca, ao lado de Gustavo Salinger, a figura máscula e corajosa de Pedro Cristiano Feddersen; êste político da velha guarda, que tanto e tão valorosamente se bateu pelos superiores interesses da Colônia de Blumenau, despertou, sem o querer e esperar, feito príncipe, do seu sono encantado, a nossa "bela adormecida", ou seja, a cidade de Rio do Sul. Esta cidade, porém, na pia batismal, receberia o nome de "Bela Aliança". Êste nome teve a sua origem na junção dos dois rios acima referidos. Ê assim que nasceu o que podemos hoje apelar a "Princesa" do Alto Vale do Itajaí. A dôr que ia acompanhar, no entanto, o nascimento desta princesa, em pleno sertão, por longos anos ainda encheria as páginas dos jornais de Blumenau, dando motivo a horripilantes histórias de selvageria, onde não sabemos o que devemos admirar mais, se a audácia dos colonos pioneiros, ou o estoicismo do nosso bugre, que resistia, corajosamente, à invasão de suas terras. Assim em 24 de Agosto de 1859, conforme informações chegadas a Blumenau, os trabalhos da linha telegráfica para Lages ficaram parados, devido aos constantes ataques dos bugres. Esta construção era o primeiro passo para aproximar o campo de Blumenau. Muito se deve ao deputado Paula Ramos para que chegasse a bom termo a construção desta linha, o que ressalta da comunicação do mesmo deputado, que conseguira uma verba de 50 contos para a referida linha telegráfica. Em 4 de Janeiro de 1896, isto é, apenas alguns meses após estas alvissareiras notícias, Blumenau é abalada com as notícias vindas de Rio do Sul, ou da Serra, como era chamada esta região, informando a morte de dois trabalhadores da linha telegráfica que sucumbiram num assalto feito pelos índios a uma turma da construção da linha. Eram êles Carlos Hanemann e Carlos Klegien. Enquanto o primeiro foi apunhalado, o segundo, frechado mortalmente, teve a cabeça ainda decepada. Os fios foram cortados em vários lugares, além do saque feito às casas dos dois mortos, tendo nesta oportunidade levado ainda uma moderna arma "Mauser", com 80 tiros, e muitos outros objetos. Estas notícias, como era de esperar, provocaram grande comoção em Blumenau. Diante dêstes fatos, que se repetiam e punham em perigo todo um plano administrativo, ao qual Blumenau estava estreitamente ligado e diretamente interessado, foi nomeada uma comissão composta pelo comissário de Polícia, Presidente da Câmara e pelo Super-Intendente Municipal, que seguiram para Destêrro, onde fizeram uma séria representação, junto ao Governo do Estado. Procurava-se, mediante esta representação, das mais altas autoridades de Blumenau, evitar que os trabalhos, tão auspiciosamente iniciados, ficassem paralizados, com grandes prejuizos para Blumenau. Se o índio, nesta sua constante ameaça e assaltos, levasse a melhor, ficava ameaçado o progresso de Blumenau, que dependia diretamente da abertura da estrada para o campo e da construção da linha telegráfica. Quem iria arriscar-se ainda a viajar por êstes sertões, se o govêrno se declarava impotente para conter o bugre? Como era Presidente da Câmara de Blumenau, o saudoso coronel Pedro Cristiano Feddersen, estreitamente ligado à construção da estrada para a Serra, de cuja abertura esperava para a sua casa comercial grande proveito, podíamos ter a certeza de que não voltaria para Blumenau, sem ter recebido a formal promessa, da parte do Govêrno do Estado, de auxiliá-los, o mais possível, no combate ao bugre. Blumenau estava no início de um novo e grande progresso. Esquecidos estavam, praticamente, os dias conturbados da revolução de 1893. Se estudarmos o orçamento municipal, publicado pelo Super-Intendente de Blumenau, Otto Stutzer, verificaremos que o progresso nas arrecadações era substancial, pois a receita para o ano de 1896 alcançou a impressionante soma de 57:656\$000 Réis. Não podia Blumenau ficar, assim, inerte diante das ameaças que pairavam sobre a sua economia. Muito esperava-se ainda da abertura da estrada para Curitiba e Lages. Foram, assim, conjugados os esforços do Estado, da União e do Município, para que os trabalhos não sofressem solução de continuidade. A oito de Abril de 1897 foi alcançada, o que chamariamos hoje, a primeira meta governamental; era o dia da inauguração oficial da linha telegráfica para Lages, com duas estações intermediárias, uma em Rio do Sul e a segunda em Pouso Redondo. Não que houvesse alguma necessidade premente destas estações intercaladas aqui, ou mais para o interior, como Pouso Redondo. Tratava-se mais de estabelecer entrepostos, com os seus respectivos guardas, ou fiscais de linha. Ê, assim, o dia 8 de Abril de 1897 o dia do estabelecimento da primeira tele-co-

municação entre Blumenau e Rio do Sul, e Lages-Blumenau. É o ano em que se fixou aqui, no chamado Passo de Humaitá, o nosso velho e já conhecido Vicente Leite, cujo filho, de nome José, foi nomeado fiscal de linha. É o mesmo fiscal de linha que viria sofrer, posteriormente, ou seja exatamente no dia 10 de Abril de 1906, um ataque por parte dos bugres, no qual saiu ferido gravemente um seu ajudante, além de lhe terem matado o seu cavalo de montaria e sua mula, ou cargueiro, a frechadas. Não desejo, porém, adiantar-me aos fatos e volto atrás para acompanhar de perto os trabalhos que representavam a segunda meta governamental:

A Construção da Estrada da Serra.

Os trabalhos da estrada para o campo, ou Serra, após a sua interrupção, que teve sua origem nas agitações revolucionárias, tinham recommçado com ritmo acelerado. Obedecia ao traçado feito, em 1883, pelo engenheiro Dr. Emilio Odebrecht, transformado em caminho para mulas, penetrando em regiões, praticamente desertas e cortando ao meio o sertão do Vale do Itajaí, rumo ao campo. Longe estava, porém, a estrada da meta final, que era Rio do Sul, ou Bela Aliança. Para melhor apreciar o andamento da construção, que tão de perto interessava Bela Aliança, eu convidaria aos meus amigos e pacientes leitores a acompanhar-me na reprodução, para o vernáculo, da reportagem que foi feita e publicada por ocasião da visita do embaixador alemão, Dr. Krauel, que veio a Blumenau em princípios do mês de Junho de 1897, para olhar de perto a vida e o desenvolvimento de uma colônia que formava, indiscutivelmente, um dos grandes núcleos imigratórios da Alemanha Imperial, na América. Esta visita oficial de tamanha autoridade, representou um acontecimento extraordinário e de uma grande repercussão não só para a Colônia Blumenau, como também para o próprio Governo do nosso Estado. O Governo do Estado se esmerou em cercá-la de atenções e deferências devidas a um embaixador, representante oficial de um dos mais jovens impérios do mundo. Era a Alemanha um império que, no fim do século passado, marchava a passos gigantes para a conquista dos mercados mundiais, para a qual se via impellido inexoravelmente, pela vitalidade de seu povo, que galvanizou o mundo pelo progresso quase meteórico no campo da técnica e da ciência. Como aqui na América tudo estava por fazer, muito se esperava ainda de uma estreita colaboração com os capitais estrangeiros, principalmente alemães, que estavam grandemente interessados em formar condições favoráveis para novos empreendimentos. Assim, a caravana que acompanhou este embaixador, era formada pelo que de mais representativo havia no Estado de Santa Catarina e na Colônia Blumenau. Esta caravana estava encabeçada pelo Exmo. Sr. Dr. Hercílio Luz, M.D. Governador do Estado, pelo Prefeito Municipal de Blumenau, pelo Presidente da Câmara Legislativa Municipal e outras figuras de escôl no mundo da política, do comércio e da indústria. Era tanto mais compreensível este aparato festivo na recepção, por tratar-se de um embaixador especialmente comissionado pelo Imperador Guilherme II, da Alemanha, para verificar, *in loco*, a vida e o estado das colônias alemãs no Sul do Brasil. Ao acompanhar esta caravana, evito segui-la pelos salões ornamentados e nos banquetes pomposamente oferecidos, onde a Colônia alemã se excede em gentilezas e mesuras. Sigo-a, apenas, na parte que nos interessa, como curiosos, para verificar quais as impressões colhidas pelos visitantes no seu primeiro contato com terras até então por eles nunca olhadas e que formariam a porta pelo qual, em futuro, se infiltrariam as colunas intermináveis de colonos, especuladores e aventureiros, na sua faina e ânsia insofrida de fazer fortuna. O panorama que se descortina diante dos nossos olhos é maravilhoso na sua majestade, imponente na sua grandeza, impoluido na sua virgindade. Mas não nos antecipemos e deixemos falar a este nosso reporter para não distorcer, ou esmaecer o colorido de sua narrativa. Como veremos, tem esta narrativa, ou reportagem, por principal escopo a nossa estrada da Serra, visitada pelo embaixador, fornecendo aos estudiosos e curiosos, como no meu caso, os menores detalhes das impressões colhidas, nessa visita, numa época tão saudosamente lembrada pelos velhos, nas rememorações do passado e que, de alguma forma, falará aos pósteros do que foi a conquista do Vale do Itajaí, feita, plagiando uma frase histórica de

Sir Wiston Churchill, à base de sangue, suor é lágrimas. Sigamos, pois, o nosso repórter que diz: "Após passar o Neisse (pequeno rio em Apiuna), chegamos aos últimos núcleos da colonização alemã, à margem do grande rio. Seguem-se apenas uns poucos brasileiros, interrompido, na entrada do desfila-deiro, por um grandioso prédio, paço, ou palácio condal". Permito-me aqui um parêntesis, para explicar que este paço, ou palácio condal, (Schloss) era representado por um prédio hoje destruído, que estava situado no lado direito do Ribeirão da Subida, ao pé da mesma serra, a uma distância aproximada de 50 metros da atual ponte provisória da estrada geral, posteriormente transformado em Hotel (Hotel Kieser). Efetivamente, tomando por base as modestas proporções, a rusticidade do acabamento e as linhas sóbrias das construções coloniais em uso, este prédio impressionou pelo fino acabamento, estilo avançado e sua localização, completamente isolado, em pleno sertão, não havendo assim nenhum exagero na descrição, visto pelos óculos da época. Igualmente, quando fala dos últimos núcleos da colonização alemã, que se situavam na altura do Ribeirão Neisse e a atual Subida, compreendendo a região da atual Apiuna, dá o testemunho incontestável de que, acima destas localidades, ou núcleos coloniais, encontramos nada mais que o sertão indevassável e inexplorado dos atuais municípios de Ibirama, Presidente Getúlio, José Boiteux, Rio do Sul, Trombudo Central, Rio do Oeste, Pouso Redondo e Taió. Todos estes municípios são hoje centros de respeitáveis organizações industriais, com base na agricultura e exploração das reservas florestais. Representa assim esta reportagem em torno desta visita, o documento, por excelência, que confirma os meus dizeres, principalmente no que diz respeito à nossa cidade de Rio do Sul, cuja fundação estabeleci, baseado em estudos conscienciosos e, já hoje, irretorquíveis, para o ano de 1890. Não é, assim, sem propósito que resolvi traduzir e publicar, neste meu modesto trabalho, esta reportagem de fundo histórico, que revigorará, indiscutivelmente, todos os dados anteriormente por mim publicados. Feito assim este hiato, vejamos o que nos pode oferecer ainda de interessante a reportagem aqui interrompida e feita em torno da visita do nosso grande personagem aos trabalhos da estrada da Serra, mas o que farei na próxima nota.



A FUNDAÇÃO DE SÃO BENTO DO SUL

Cartas inéditas da "Direção da Colônia Dona Francisca"
revelam o nascimento da nova colônia São Bento do Sul.

Dr. CARLOS FIKER

A "Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo", quando em 1850 despachou os primeiros colonos para a nova "Colônia Dona Francisca", desenvolveu suas atividades de colonização em terras tiradas do dote da princesa D. Francisca, filha do I.º Imperador e irmã de D. Pedro II, abrangendo uma área de 155.812 hectares.

Já em 1867 devido o rápido crescimento e desenvolvimento da colônia, a "Hamburger Colonisationsverein von 1849" celebrou novo contrato com o Governo Imperial (22 de Abril de 1867) conseguindo conf. art. 18 deste contrato, por compra a área de 147 quilômetros quadrados de terras devolutas além da serra, parcialmente já exploradas e acessíveis para a famosa "Serrastrasse" ainda em construção.

Acompanharemos o desenvolvimento desta nova área de colonização nas cartas e ofícios desta época, fielmente copiados para conservar o ambiente e o perfume dos tempos antigos.

I) Palacio do Governo da Província de Santa Catharina, 14 de Julho de 1869.

Remeto à V.Mce., para sua sciencia, copia do Aviso de 17 p. proximo passa-

do do Ministerio dos Negocios d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas, autorizando a esta Presidencia a conceder à Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo as terras que demoram na Serra de São Miguel para estabelecer novos imigrantes. Deos Guarde à V.Mce. Illmo Snr. Johann Otto Louis Niemeyer, Director da Colonia Dona Francisca. O Presidente da Provincia Dor. Carlos Augusto Ferraz de Abreu.

2) Joinville em 3 de Setembro de 1869.

Ilmo Snr. Director da Colonia D.Francisca.

Devendo-se brevemente encetar as medições e demarcações de lotes à incorporar ao actual territorio d'esta Colonia e requeridos pela Soc. Colonizadora de Hamburgo, julgo dever previamente consultar a V.Sa. sobre este objecto que affecta tão de perto os futuros interesses d'aquella Sociedade e do Governo Imperial. Na qualidade de Chefe da Comissão encarregada d'este trabalho, peço a V.Sa. que haja de remetter-me uma copia do mappa e quaesquer esclarecimentos que tiver em seu poder. Aproveito esta oportunidade para ponderar-lhe que fora conveniente que V.Sa. acompanhasse a minha expedição por um empregado de sua inteira confiança afim de que assistindo a collocação dos primeiros marcos. A' bem da estabelidade e garantia dos colonos que tiverem de estabelecer-se nos terrenos a que me refiro, espero que serei plenamente satisfeito. Deos Guarde a V.Sa. O Engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão.

3) Direcção da Colonia D.Francisca aos 15 de Setembro de 1869.

Ilmo Snr. Engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão, Dmo. Chefe da Comissão para medição e demarcação dos terrenos requeridos pela S.C.H.

Tenho a honra de accusar o recebimento do Officio honrado de V.Sa. de 3 deste mez. Com muito gosto satisfazendo o pedido de V.Sa. remetto-lhe junto uma copia do mappa, de que se trata e previno à V. Sa. que em pessoa acompanharei a expedição de V.Sa., dando lhe depois verbalmente todos os esclarecimentos de que for sciente. Neste respeito já devo ponderar à V.Sa. que como os terrenos em questão forão requeridos assim que se devem juntar immediatamente aos terrenos de S.A.A. o Snr. Principe de Joinville antes tudo he necessario que o limite de Oeste dos terrenos do Principe seja demarcado e aberto desde a Encruzilhada até ao Itapocú, de qual serviço, acha encarregado o Engenheiro Kreplin, pois sem isso faltaria a base da medição, que faz o objecto da Comissão de V.Sa.

Deos Guarde V.Sa. Joh. Otto Louis Niemeyer. Director da Colonia Dona Francisca.

4) Exposição sobre o estado da Colonia Dona Francisca, sua população e produção.

Officio de 29 de Outubro de 1869 dirigido ao Major Francisco Pimenta Bueno, D.mo Commissario do Governo: — ...Pela chegada de maior numero de imigrantes de que se esperava, houve algum embaraço na distribuição dos terrenos nesta Colonia, como a Sociedade já não possuia mais tantos terrenos apropriados para estabelecimento dos novos colonos, entretanto emfim foi possivel estabelecer, senão todos ao menos a maior parte delles e para os que se esperão ainda servirão as terras ferteis na extenção de 247 quilometros quadrados ao pé da Serra de S. Miguel... —

5) Relatorio sobre o estado da Colonia D.Francisca no anno de 1872.

...A Direcção desta Colonia já começou com os trabalhos preparatorios nas terras concedidas à Sociedade perto dos campos de S.Miguel nas altas planícies além da Serra do Mar, e procurou estabelecer alli algumas familias. Mas ella se viu forçada a desistir por ora do estabelecimento dos colonos naquelle lugar e as razões são as seguintes: os terrenos em questão, situados na distancia de 61 quilometros do nucleo colonial de D.Francisca carecem ainda de fácil communicação. A construção da estrada de rodagem de D.Francisca que se dirige à Villa do Rio Negro, está só acabada até ao alto da Serra do Rio Secco na extenção de 33 quilometros. Os transportes aos campos de S. Miguel são effectuados por bestas e causão tantas despezas, que seria impossivel à Direcção dirigir lá maior numero de imigrantes...

6) Direcção da Colonia D. Francisca aos 20 de Setembro de 1873.

Illmo. Snr. Dr. Eduardo Jozé de Moraes, meretissimo Engenheiro, Director da Estrada Dona Francisca.

Afim que a Colonisação deste Imperio para a qual o Governo Imperial está fazendo tantos e tão continuos sacrificios bem prospera nunca devem faltar estas duas condições capitaes; a primeira é que os novos colonos immediatamente depois de sua chegada recebem um terreno bom para a lavoura, e a segunda é que se lhes offerece serviço bastante rendoso nas obras publicas durante o primeiro tempo em que ainda não podem ter sua existencia dos productos de sua lavoura.

A Sociedade Colonisadora de 1849, cumprindo com o contrato celebrado entre o Governo Imperial e ella em 30 de Dezembro de 1871, nos enviou 1072 emigrantes colonos aos quaes me esforcei de realizar as ditas duas condições. — Em primeiro lugar para poder cumprir a primeira condição mandei explorar minuciosamente os Campos de S. Miguel e as terras devolutas anexas para o oeste, não achando-se senão nos arredores do Rio S. Bento terrenos proprios os quaes a Sociedade Colonisadora fundada no Art. 18 do mencionado contrato requereu do Governo Imperial. — Entretanto os recémchegados colonos dando-se pressa para receberem os terrenos promettidos à elles apertarão esta Direcção afim de elles não perderem o tempo de plantação deste anno. Era periculum in mora! — Assim pois mandei transportar no dia de hoje a primeira turma de colonos d'aqui para os terrenos de São Bento, dando lhes lá mesmo 64 lotes demarcados e fornecendo lhes gratuitamente os mantimentos necessarios ao menos para 3 semanas durante as quaes elles serão postos no estado de poderem fazer as primeiras roças. — Quanto a segunda condição capital duma solida colonização mandei os sobreditos colonos fazer os caminhos vicinaes dessa nova Colonia de São Bento necessarios para a communicação, cujos traços já se achão fixados pelo agrimensor desta Direcção, dando lhes assim ocasião de ao menos ganhar algum dinheiro de que hão de poder sustentar suas familias. Porem não sendo sufficientes os fundos da caixa desta Direcção para sustentar os ditos colonos pobres durante todo o tempo até a primeira safra, deve se receiar que elles em breve havião de ver se necessitados a abandonar suas roças se o alto Governo Imperial não os auxiliaria em dar lhes serviço por tempo mais prolongado. — Venho respeitosamente à V. Sa. de Engenheiro Director da Estrada Dona Francisca cujo incessante zelo e merecimento acerca da Colonização e do bemestar dos immigrants é assaz conhecido, pedindo-a dar quanto mais antes começo às obras da dita Estrada nas alturas do lugar de São Bento dirigindo-se de lá para cá ou rumo do Rio Negro, afim de proporcionar aos novos colonos os meios necessarios de sua existencia. Deos Guarde à V. Sa. por muitos annos em favor da Colonização da nossa amada patria do Brazil. — Ottokar Doerffel, Director int.^o da Colonia D. Francisca.

7) Direcção das Obras da Estrada D. Francisca, Joinville. Illmo. Snr. Ottokar Doerffel, Dig. mo director int.^o da Col. D. Francisca. 20 de Setembro de 1873.

A importante communicação que em Officio desta data, se dignou V. Sa. transmittirme, o que extremamente penhorou-me, de ter seguido hoje a primeira turma dos emigrantes recém chegados para tomarem posse dos lotes já demarcados nas terras devolutas ao longo das margens desta estrada e situadas nas visinhanças do rio de São Bento, no valle do Rio Negro, marcará nova era de prosperidade para esta colonia, hoje confiada a esclarecida direcção de V. Sa. realisada a tão esperada fundação de um novo nucleo colonial, alem da Serra do Mar, no interior do paiz, e collocado entre esta colonia e a villa do Rio Negro, e desta sorte removidos e superados os obices que encontrarão sempre os commettimentos desta natureza. Felecito, pois, a V. Sa. por acontecimento de tanto alcance para o paiz. — Vou apressar-me em dar conhecimento ao Governo Imperial do conteúdo de seu dito officio, e é de esperar que, em sua solididade por tudo o que é relativo ao progresso e engrandecimento deste vasto Imperio, se dignará ELLE autorisar-me a pôr em exucução o alvitre lembrado por V. Sa. como auxilio indireto concedido a nascente colonia, que irremessivelmente definhará se este não lhe for prestado e que como o mais efficaz, muito concorrerá para a sua consolidação e futura prosperidade e grandeza.

Deos Guarde à V. Sa. Eduardo José de Moraes, Eng.^o Director.

8) Direcção da Colonia Dona Francisca aos 30 de Setembro de 1873.

Illmos. e Veneraveis Snrs. Presidente e Vereadores da Camara Municipal do Rio Negro.

Foi em 30 do corrente mez, que esta Direcção em cumprimento com o Contracto celebrado entre o Governo Imperial e a Sociedade Colonisadora de 1849 em Hamburgo no dia 30 de Dezembro de 1871, expedio os primeiros 70 pais de familias dos emigrantes recém-chegados para as terras devolutas no valle do Rio Negro ao longo das margens da Estrada Da Francisca nas visinhanças dos rios de São Bento e Negrinho, tendo mettido-os alli de posse dos lotes por ella marcados e fundado deste modo a nova „Colonia Agricola São Bento”.

Levando pois este importante facto ao alto conhecimento de V.V.S.S., ousou de enviar-lhes agora as primeiras saudações mais respeitosas e cordiais em nome desta sua nova e esperançosa visinha, a qual o reconhecido zelo de V.V.S.S. acerca da Colonisação, sua distincta autoridade e sua alta illustração em diante queira proteger, auxiliar e guardar assim como Deos queira guardar sempre V.V.S.S.

O Director int.º da Colonia Dona Francisca e de São Bento —

Ottocar DOERFFEL.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

FEVEREIRO DE 1961

O mês se inicia sob a repercussão da posse dos novos administradores do país, dando, naturalmente, a imprensa local maior realce ao que mais de perto nos toca: os novos rumos da administração municipal.

A situação financeira do município apresenta problema sério, com grande dívida flutuante e vultosos pagamentos a regularizar, tendo o novo prefeito obras inadiáveis a realizar, tais como a solução do abastecimento d'água da cidade, resultando na necessidade do estudo imediato e elaboração de um plano para um empréstimo financeiro, imprescindível na situação atual. Outro problema premente é a restauração ou construção de um novo prédio para a Prefeitura, pois, do atual, permanece a parte sinistra pela incêndio de novembro de 1958, em ruínas, salvo insignificantes trabalhos de restauração, com os cartórios da comarca instalados no porão da parte danificada do edificio, em condições super-precárias de conservação. Livros de escrituras e outros documentários do patrimônio particu-

lar da população local, estão sofrendo estragos sob a ação da humidade das paredes. As repartições municipais estão funcionando em ambiente acanhado, na parte do prédio não atingida pelo fogo, mas distribuidas para o bom andamento dos serviços administrativos.

2 — Empossado o novo delegado regional de Polícia, sr. Zech J. dos Santos. Depois de poucas semanas, foi substituído pelo Tenente João da Mata, representante do PRP.

— No novo governo do Estado, Blumenau está representado pelo Dr. Júlio Zadrosny, na presidência das Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC); pelo dr. Paulo de Freitas Melo, na presidência da Comissão de Energia Elétrica do Estado. Outros representantes do Vale do Itajaí, também fazem parte do governo, como o Dr. Guilherme Renaux, na presidência da Federação das Indústrias de Santa Catarina, Walter Rousseng, na pasta do Trabalho e Alcides Abreu, no Plano de Obras e Equipamentos.

— Forte temporal, de curta duração, causa sérios prejuízos, co-

mo casas destelhadas, árvores derrubadas etc.

5 — Durante uma pescaria nas águas turbulentas do Itajaí-Açu, perto da Ponte Lauro Müller, perece afogado o sr. Wigando Tesch, cujo corpo só é encontrado três dias depois.

7 — Reune-se a Câmara de Vereadores para a eleição da sua mesa diretora, sendo o seguinte o resultado: Presidente, Abel Ávila dos Santos (PSD), 1.º e 2.º secretários: Wadislau Constanski (PSD) e Vitório Pfiffer (PTB).

7 — Falece Max Victor Hering, sócio-diretor da importante indústria Companhia Hering, filho do venerando casal Max Hering-Clara Kleine Hering. Foi um dos maiores sepultamentos já ocorridos nesta cidade, tendo os operários da fábrica carregado o esquife, desde a residência do falecido, no Bom Retiro, até o cemitério evangélico.

8 — Os blumenauenses acompanham outro grande industrial à sua última morada, no Cemitério Municipal, em Itoupava-Sêca: o sr. Teófilo Bernardo Zadrozny, fundador da ARTEX, conhecida fábrica de tecidos, pai do dr. Júlio, Arno, Norberto e Carlos Zadrozny, todos com encargos de destaque na ARTEX e outros importantes estabelecimentos industriais e comerciais.

— Outros falecimentos ocorridos durante o mês: Hans Exter, sócio da antiga farmácia Anton & Boehm; da menina Maristela Klein, filha do lente catedrático do Colégio Sto. Antônio e alto funcionário do Banco do Brasil, sr. João José Klein; do cônego Tomás Fontes, de tradicional família itajaíense, diretor da "Revista de Cultura" e irmão do desembargador Henrique Fontes, renomado historiador e filólogo; do sr. Eugênio Currlin, blumenauense de nascimento, estabelecido, há muitos anos, em Itajaí. Duas pessoas

perdem a vida em acidentes de trânsito: um guarda municipal e o menor Gilberto Santiago Simão.

11/14 — Como sempre, o carnaval de Blumenau, não vai além de bailes à fantasia, realizados pelos clubes e sociedades recreativas.

18 — O prefeito municipal, sr. Hercílio Deeke e sua esposa festejam a data de suas bodas de prata, sendo muito cumprimentados.

19 — O sr. Genésio Lins, Diretor Superintendente do Banco INCO é cumprimentado pela imprensa por motivo de ter sido agraciado pelo Papa João XXIII com o título de benemérito, concedendo-lhe diploma e medalha de ouro, em reconhecimento de suas obras cristãs. A Sociedade Beneficente dos Trabalhadores de Santa Catarina promove solenidade para agradecer ao ilustre banqueiro os benefícios d'ele recebidos e dando-lhe o título de sócio benemérito.

— Uma curiosidade do mês: Noticia-se que será instituído um concurso para a escolha da mais bela moça de côr de Blumenau.

23 — A firma Trol S/A, de produtos plásticos, inaugura escritório e exposição permanente em nossa cidade.

26 — O moderno Panificio Greul inaugura filial de distribuição de pães em Itoupava-Sêca.

— A questão do passeio, anexo à ponte metálica da Estrada de Ferro, na foz do Ribeirão da Velha, destinado, exclusivamente, a pedestres, mas por onde os ciclistas teimavam em passar, montados nos seus veículos apesar das instruções em contrário e multas aplicadas pela Inspetoria de Trânsito foi resolvida, agora, com a colocação de uma "borbolet" bem na metade do trajeto, o que veio desanimar completamente a persistência dos pedalantes.

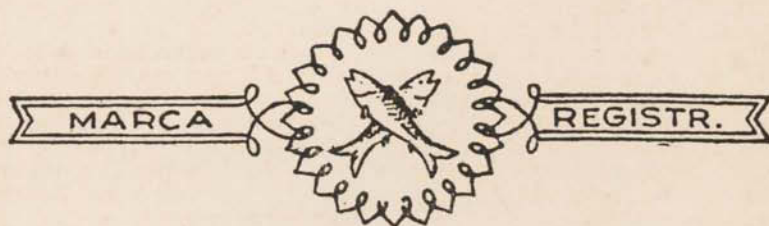
— ☆ —



O INVERNO DE 1862, foi extraordinariamente frio em Blumenau. Em junho, por três ou quatro noites seguidas, o termômetro baixou a 3 graus abaixo de zero. Em outubro, as grandes chuvas prejudicaram as plantações e provocaram enchentes.

INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2
TELEGR.: "TRICOT"



Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E . INDÚSTRIA

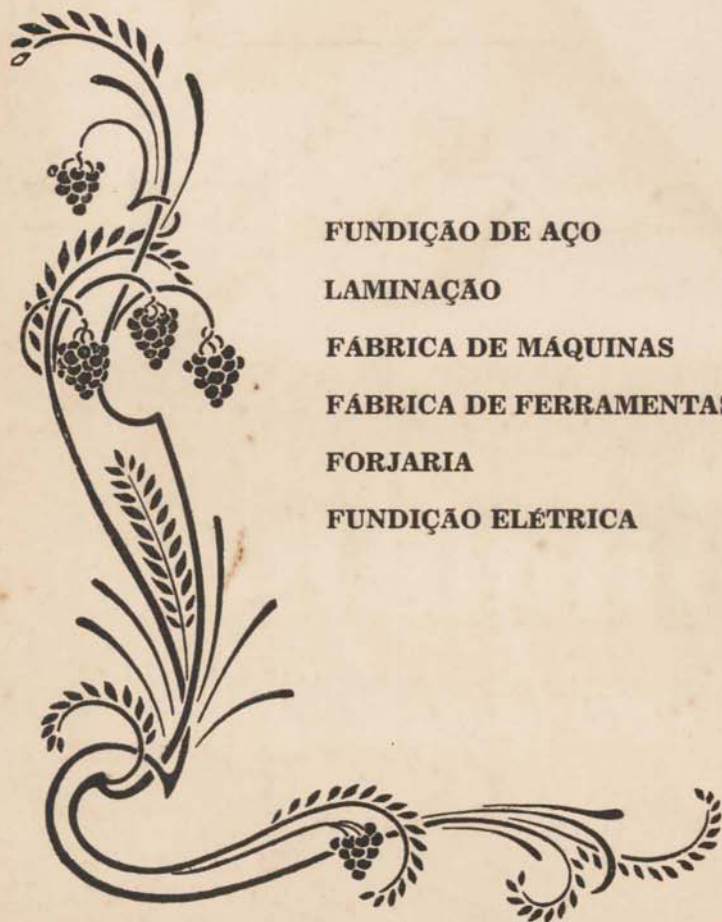
Eletro - Aço Altona S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 Telegramas: ELAÇO

ITUUPAVA-SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MAQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA